



Abel Barros Baptista

**E ASSIM
SUCESSIVAMENTE**



LISBOA
TINTA-DA-CHINA
MMXV

ÍNDICE

© 2015, Abel Barros Baptista
Edições Tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6-A
1500-461 Lisboa
Tels.: 21 726 90 28/29
E-mail: info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

Título: *E Assim Sucessivamente*
Autor: Abel Barros Baptista
Revisão: Tinta-da-china
Composição: Tinta-da-china
Capa: Vera Tavares

1.ª edição: Julho de 2015

ISBN: 978-989-671-267-9
Depósito Legal n.º 394660/15

Nota prévia	9
Tour d'esprit	11
O filtro rústico	14
Abruptamente	17
Bem melhor!	20
Mafra, o exemplo	23
O protectorado pela selecta	25
Ser leccionado	27
A ameaça bolchevique	29
Sem título dado que não houve consenso	31
Aquela que é a alegria das crianças...	34
A descrição roubada	37
Mind the gap!	40
Dormir e resignar	43
O cronómetro	46
Novo ano, as ruínas	49
O sesquicentenário	52
Antonomásias e hipocorísticos	55
Bicycle Repair Man	58
Realismo insólito	61
Abrandar aos céus e outras miudicências	64

Noites brancas	67	Prejuízos	157
O limbo da exigência	70	Plágio cósmico	160
Entourage	73	A vida não está para graças	163
Assim-assim	76	Anónimos anónimos	166
Discurso indirecto livre	79	O silêncio das buzinas	169
Podia ser pior	82	Mera possibilidade...	172
A razão das minúsculas	85	Cólica verbal	175
We're only in it for the money	88	Anorthographya libertinna	178
Chorar em público	91	Deslarga-me da mãe	181
Sem piedade	94		
O fim duma amizade	97		
Empreendedorismo ou Oxford comma?	100		
Hemeroteca	103		
Escassez espiritual	106		
Fogo sobre a austeridade!	109		
Saudades do Sesinando	112		
Meditação com submarino	115		
O clister neurológico	118		
A cura da inveja	121		
Encore un effort...	124		
O futebol como metáfora	127		
No closure	130		
Harmonia	133		
Deceção conceptual	136		
Pregar o alheio	139		
Non sequitur	142		
Literalmente	145		
O cigarro na era da reprodutibilidade técnica	148		
A cincada não dá direito a multa	151		
Um plano que dê dinheiro	154		

NOTA PRÉVIA

Este volume compreende textos publicados na revista *Ler* entre 2008 e o presente ano. Familiares dos compreendidos em *A Infelicidade pela Bibliografia* (Angelus Novus, 2001) e *Ensaio Facetos* (Cotovia, 2004), são porém mais curtos, menos preocupados com a elaboração de algum argumento, mais atentos à actualidade, e também mais dedicados ao efeito da facécia: se não for isto ilusão induzida pela recolha, será caso para dizer que se apuraram na modalidade do ensaio faceto.

É conhecido que, com os anos, em cada um se robustece a disposição predominante, às vezes eliminando as secundárias e até, nos casos felizes, as parasitas. Talvez assim se explique a ideia que unifica este livro: a facécia concentra em si tudo o que vale a pena preservar, defender, praticar... «Concentra» é capaz de ser enganador, uma vez que não pretendo sugerir que as facécias são simplesmente o que se leva deste mundo. Não, pretendo antes a ideia, mais exacta, de que a possibilidade da facécia representa de modo competente tudo o que vale a pena preservar, defender, praticar. A possibilidade, notem: se, enquanto tal, distingue o que faz todo o sentido do que não faz nenhum, o que aceitamos de bom grado do que não toleramos, também incendeia a cólera, agrava o desespero, aprofunda a tristeza, mas fortalece o ímpeto, e encoraja, e entusiasma, e assim sucessivamente...

TOUR D'ESPRIT

Mal soube que o primeiro-ministro deixara escapar que «somos considerados um dos países ricos do mundo» e aliás «comparamos com as nações mais prósperas do [mesmo] mundo», resolvi que era ocasião de me conceder uma pausa. Que diabo! ao país não há-de fazer diferença e a mim faz muita! É certo que, pessoalmente considerado, não «comparo» com os mais prósperos, tão-pouco com os mais esforçados; mas seria trampolineiro se negasse que, tendo ambas, a parcela do esforço me pesa mais que a da prosperidade. Dei então folga à criadagem, enxotei do campo meia dúzia de jornaleiros indolentes, fechei a mina, e pus-me a ler um livro. Momento sublime, que só «compara» com o primeiro dia de férias da escola. Não sei é se tive sorte com o livro. Já me têm dito que sempre se tem sorte com os livros, nunca maus nem perversos, mas desconfio que assim apenas se ilustra a dificuldade de calcular o número exacto de tolos. Há livros mais velhacos que o pior dos criminosos. Mas vá que seja como eles dizem: o que eu pela minha parte digo é que não sei se o livro foi adequado para a tal pausa.

De começo, sim, nenhuma dúvida. Aliás caberia inteiro — e ainda agora disso não duvido — na mais exigente antologia de «leituras de proveito para as horas de ócio». Em certo sentido, o livro era mesmo sobre isso, quer dizer, sobre horas desocupadas, preencher o vazio, espairecer, sacudir o tédio, e duplamente:

exemplifica como preencher páginas a respeito de preencher o vazio, sacudir o tédio, etc. Portanto, duplamente ocioso, e logo aí eu devia ter desconfiado. Mas não desconfiei, o que se explica com a primeira página que li, quando abri o livro à sorte: falava dos prazeres de permanecer na cama, advertia que é «nesse móvel delicioso que, durante metade da vida, esquecemos os desgostos da outra metade», e até abusava da metáfora, para dizer da cama o que sempre se disse do mundo: que é um teatro variado, onde o género humano representa sucessivamente «dramas interessantes, farsas risíveis e tragédias medonhas»... Como eu lesse isto estirado na cama, logo apreciei a coincidência, o que vale muito no meu *tour d'esprit*; achei-a engraçada e deduzi que o resto do livro seria assim gracioso, porque constituía caso flagrante de realismo perfeito: alguém lê na cama um livro que faz da acção de permanecer na cama metáfora de qualquer livro jamais escrito...

Calculam o meu desapontamento, quando concluí, a escassas páginas do começo, que afinal tinha em mãos, camuflado de supérfluo, um tratado de metafísica. O cerne do livro é a exposição faceta e meia destrambelhada de um princípio metafísico: cada pessoa é dupla, alma e outra coisa, mas à alma opõe-se não o corpo, nem sensível nem inteligente, mas o animal, perfeito indivíduo com os próprios gostos e inclinações, apetites e vontades, apenas diferindo dos outros animais, os não humanos, por ter órgãos mais perfeitos e ser mais bem criado.

A coisa ainda se comporia se o autor daqui partisse para libertar o corpo do platonismo, mas os seus interesses são egoístas: o princípio metafísico da alma e do animal era tão-só a «chave do livro», o expediente encarregado de dar sentido a um escasso relato de viagem em redor do próprio quarto, ou melhor, entre a poltrona e a cama, se não me escapou nada. O livro muito preci-

samente apenas se entende se o leitor aceitar que traz consigo (ia a dizer dentro de si...) um animal e precisa aprender a educá-lo. A dado passo, o velhaco (o autor, não o animal) dirige-se ao leitor advertindo-o de que só pode ficar satisfeito consigo quando a sua alma viajar sozinha. Mas esta proposição, que colheria o apoio dum clérigo intransigente, é tão-só a contraparte de outra, que ficara mais atrás: a grande arte do homem de génio consiste em educar o animal de modo a que este ande sozinho enquanto a alma, liberta dessa «penosa convivência», se eleva aos céus. Aos céus?! Não, a mim não me engana ele. Nem céus nem alma: esta metafísica apenas «compara» com o singelo propósito de justificar a moleza curtida na cama, dias a fio, sem remorsos...! E francamente, fazer disso um livro... E com estes dias tão bonitos...

O FILTRO RÚSTICO

Andamos há muito a sofrer dum mal que provavelmente se resolveria com a leitura de um ou dois romances de Júlio Dinis.

Há tempos, num daqueles debates aparatosos da televisão em torno do futuro, talvez da juventude, ouvi um dos participantes declarar que faltava, sim, e faltava muito — irreverência. Porém advertindo: «Mas atenção! Irreverência não quer dizer falta de respeito!» Como nenhum dos muitos presentes lhe objectasse que falta de respeito é justamente o que irreverência quer dizer, o cidadão deve ter ido dali convencido de que podia reclamar dos outros e até praticar ele próprio a irreverência respeitosa.

Lastimo não ter apanhado o nome da criatura: gostava de saber como lhe tem corrido a vida, se tem passado bem de humores e, em particular, o que lhe calhou mais encontrar, se respeito irreverente, se irreverência respeitosa. Qualquer deles poderia ter apaziguado a inquietação que lhe percebi naquela noite. Ou outra coisa qualquer, que não faltam, verdade seja dita, motivos de distração quando não se tem o encargo de conduzir os negócios do Estado. Caso do ex-presidente do Governo Regional da Madeira, a quem ouvi ontem que Portugal precisava de um Syriza mas sem ser radical. A bem dizer, resulta o mesmo que reclamar irreverência com respeito: se o benefício dos radicais pudesse transferir-se para os que o não são... e sem os radicalizar! Afinal, a mesma estru-

tura de pensamento ou o mesmo padrão de desejo já se exprimia há muito na voz corrente do desgraçado que, atolado em trabalho, desabafava: «Queria era estar em casa doente, mas sem me doer nada.» Não é bem querer sol na eira e chuva no nabal, é fantasiar um filtro com que se remova o princípio activo dum composto sem lhe prejudicar a acção terapêutica. A irreverência respeitosa seria, nesta lógica, a irreverência desfalcada do desrespeito. Ou purificada, no vocabulário de disposição conservadora.

Pode haver quem entenda que, como se dizia antes, é tudo uma questão de mentalidades, não de semântica. O respeito é exigido apenas por quem sofre a irreverência sem se conformar. Mudem as mentalidades, e pode dar-se que a irreverência se livre do desrespeito não por acção do irreverente mas do próprio alvo dela. «Seu dinossauro, ponha-se na alheta, é tempo de arejar a sala!» «Compreendo, recorre a uma metáfora ofensiva não por falta de respeito mas por força do processo histórico. Reconheço a irreverência de tipo novo. Por favor, disponha do gabinete, é todo seu.» «Não precisa de sair já, esteja à vontade, afinal um dinossauro não se mexe sem certa dificuldade e a porta é estreita.» Enquanto se não mudam as mentalidades, para obter um cenário assim precisamos do tal filtro.

Ora, os romances de Júlio Dinis estão providos dum filtro desses, graças ao qual prolongam as virtudes terapêuticas que atribuem ao campo. O campo cura, mas apenas se harmonioso, sincero e genuíno. E o campo é isso tudo? Sim, depois de filtrado. Um homem é vilipendiado pela acusação de ter feito o que não fez, e retira-se, digno e orgulhoso, apenas desejando que nele acredite a única pessoa que lhe interessa que acredite, a menina que ama em segredo: e precisamente essa não só acredita como logo lhe diz que acredita. No próprio momento da calúnia. Sem



E ASSIM SUCESSIVAMENTE
foi composto em caracteres Hoefler Text
e impresso pela Guide, Artes Gráficas,
sobre papel Coral Book de 90 gramas,
em Julho de 2015.